5
Análise do material empírico coletado

Aqui, busco apresentar uma síntese das informações coletadas nas entrevistas, com o intuito de descrever e analisar a fala dos professores no que diz respeito aos usos que eles têm feito das mídias em sua prática de sala de leitura e às concepções que eles têm de mídia e de mídia-educação. O roteiro utilizado para a análise das entrevistas levou em conta:

- **As concepções de mídia desses docentes;**
- **Aspectos relacionados à formação deles para a realização do trabalho com mídias na escola;**
- **As práticas mídia-educativas propriamente ditas;**
- **Impasses e obstáculos que eles identificam em suas práticas.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

5.1
"Mídia é comunicação, não é? É processo e é também meio" - concepções de mídia dos docentes

Como sabemos, a palavra mídia pode evocar uma série de significados e representações que certamente se refletirá nos usos que se fazem da mesma. Sendo assim, foi importante identificar no discurso de professores, cuja principal função é gerenciar o uso de mídias em ambiente escolar, o modo como as concebem e que percepção têm delas, com o intuito de entender melhor que idéias os movem a utilizá-las em suas práticas e de que modo fazem isso.

Nas falas dos professores podem ser identificadas basicamente duas formas de conceber as mídias: uma que as vê como recurso tecnológico, mais voltada para seu uso enquanto ferramenta pedagógica, e outra que percebe as mídias como meio de comunicação, veículo de transmissão de mensagens, com linguagens e gramática próprias.

O depoimento das professoras Viviane e Claudia se aproxima bastante da concepção da mídia-educação defendida pelos autores que são referência para esta pesquisa. Perguntada sobre o que acha que é mídia, Viviane responde:

> "Mídia é comunicação, não é? É processo e é também meio. Não é só meio. É processo também e a gente usa a mídia na escola como processo de formação, de construção de conhecimento."

A professora Claudia compartilha dessa idéia quando diz:

> "...ela tanto pode ser veículo de informação, quanto pode ser veículo de produção de conhecimento, não é? Mas de qualquer maneira, eu acho que ela vai estar sempre, de alguma maneira, mediando. Mídia, estando entre um e outro. Alguém que quer dizer alguma coisa a alguém. E alguém que está do outro lado para ouvir isso que este alguém quer dizer."

Percebemos que estas professoras entendem a mídia como processo de formação, indo ao encontro da perspectiva defendida por autores que compreendem as mídias como mediadoras do processo ensino/aprendizagem. Belloni (2001) enfatiza justamente o aproveitamento máximo das potencialidades comunicacionais e pedagógicas destas novas tecnologias através da criação de materiais, da formação dos educadores e da produção de conhecimento, defendendo seu uso nestas duas dimensões.

Além disso, a questão da produção também tem sido uma característica definidora do conceito de mídia-educação, na concepção de Buckingham (2003) e Rivoltella (2002), por exemplo. Esses autores acreditam que é através da produção de mídia que os alunos podem entendê-la de forma mais crítica e consciente. Apesar do próprio Buckingham (idem) afirmar que a parte ligada à produção tem sido muitas vezes deixada de lado por professores que se detêm mais no que ele chama de "leitura" das mídias, a importância da mesma parece estar saindo do discurso acadêmico para ser incorporada pelos professores. Isso se reflete principalmente na fala de duas outras professoras.

Perguntada sobre como era seu trabalho antes de ir para sala de leitura, a professora Julia disse:

> J - O trabalho antes da sala de leitura, ele se concentrava mais especificamente na consulta de revistas, jornais e de ouvir música. Quer dizer, o aluno, ele utilizava a mídia, mas ele não fazia a mídia. Hoje, já existe uma diferença. Hoje, ele pode fazer mídia. Você faz. Agora, você

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

> pode produzir. É diferente de antes quando você era passivo, você só utilizava, ela era só uma ferramenta de utilização.
>
> E – Você acha que a visão sobre mídia mudou então?
>
> J – Mudou. Mudou completamente. Eu acredito que agora a gente, o aluno, ele tem a oportunidade de se inserir nesse processo. Então, ele é um criador.

Interessante notar como o aspecto da criação, da possibilidade do aluno sair daquela concepção de espectador para tornar-se também produtor, alguém que participa do processo de produção de conhecimento, ganha espaço nas falas dessas professoras.

A professora Claudia também enfatiza a produção como aspecto relevante no estuda das mídias na escola:

> "No momento em que ele [aluno] produz, no momento em que ele faz um blog e sabe que está na internet, ele tem condições de entender pessoas como ele, e outras diferentes, que produzem e colocam as coisas ali também, para ele ler, para ele pensar, não é? Pra interferir também de alguma forma na vida dele."

Não sabemos como isso funciona de fato na prática, mas o discurso dessas professoras demonstra uma visão de que a mídia-educação deve mesmo contemplar a "leitura e a escrita" das mídias, para que os alunos sejam capazes de vivenciar tanto o lado da produção quanto da recepção, compreendendo e analisando melhor como se dá o processo de comunicação e a transmissão de mensagens.

Mais uma vez recorrendo a Buckinghan (idem), vale assinalar que é através da produção que os alunos têm a oportunidade de fazer escolhas, de entender melhor as tecnologias que estão sendo usadas, o modo mais eficiente de se atingir determinada audiência, de lidar com as limitações de tempo e equipamentos e, assim, refletindo sistematicamente em cima deste tipo de experiência, compreender melhor como funcionam as indústrias que realmente produzem mídia na nossa sociedade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

Jacquinot (2002) nos lembra de que é a partir dos anos 80 que a perspectiva de educação para os meios se fortalece, ancorada na idéia de que se deve municiar as pessoas, principalmente os mais jovens, com as ferramentas necessárias para compreender melhor o funcionamento das mídias e olhá-las mais criticamente, além da perspectiva de democratização dos meios, abrindo espaço para que novas vozes, minoritárias, sejam ouvidas, expressando-se e transmitindo mensagens.

Essa questão da educação para as mídias e a importância da escola assumir o papel de oferecê-la aos alunos também é lembrada por Belloni (2001), que a considera condição *sine qua non* da educação para a cidadania, instrumento fundamental para a democratização das oportunidades educacionais e do acesso ao saber e, portanto, de redução das desigualdades. Isso aparece também na fala da professora Claudia:

> "...essa questão do acesso, que é o que eu acho que a gente tem obrigação, como educador, de dar paro nosso aluno, não é? A questão do acesso às mídias, do acesso à informação, e de forma, como é que eu posso dizer? Consciente, que ele entenda."

Ao que tudo indica, parte das questões teóricas que animam os debates acadêmicos no campo da mídia-educação parece ter chegado já a estes professores que, envolvidos com o trabalho de difusão de mídias nas escolas, através das salas de leitura, vêm tentando, pelo menos no discurso, contemplar os dois aspectos principais de uma alfabetização midiática, nos termos propostos por Buckingham.

Essa incorporação dos conceitos e teorias formulados no meio acadêmico a respeito de determinados problemas, por parte dos sujeitos das pesquisas, é mencionada por Van Zantem (2003) como fenômeno da reflexividade. Ela comenta que, hoje em dia, há uma maioria de atores entrevistados que tem uma certa idéia do que é uma investigação (uma situação de pesquisa) e que, cada vez mais, esses atores possuem um nível de instrução mais elevado, fazendo parte de uma sociedade onde o acesso ao conhecimento está mais facilitado, não só por conta da escola, como por conta dos meios de comunicação e de outros canais sociais. Ela nos diz que esse maior acesso vem transformando a sociedade e os

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

indivíduos em pessoas mais reflexivas, que adotam posturas mais críticas, tanto em relação a seu próprio comportamento como em relação ao dos outros.

Assim, em graus diferentes, segundo a vivência, o conhecimento, a posição social, institucional, enfim, levando-se em conta as diferenças individuais, não podemos deixar de considerar que o discurso que esses sujeitos nos dirigem é mais reflexivo e tem estado mais integrado ao trabalho científico e ao que nós, pesquisadores, queremos saber. Isto se torna extremamente importante e fonte de cuidado de nossa parte, na medida em que algumas falas podem mascarar a realidade, numa tentativa dos entrevistados de responderem aquilo que os investigadores gostariam de ouvir e que tem sido validado como fonte de conhecimento.

Buscamos apresentar agora o outro lado da questão, que tem sido visto como oposto à idéia de utilização da mídia enquanto processo formador. A percepção da mídia enquanto ferramenta pedagógica vem representada principalmente na fala da professora Aline, que diz:

> "Mídia é tudo que você pode usar como recurso. Todos os recursos tecnológicos que você pode utilizar. É uma ferramenta que auxilia o professor no processo ensino-aprendizagem."

Ao ser perguntada sobre o trabalho que realiza atualmente, ela confirma a utilização da mídia enquanto ferramenta pedagógica.

> "No momento, meu trabalho é com informática educativa. Até mesmo de tentar conscientizar os professores, o que é complicado porque muitos ainda trazem os alunos pra cá e trabalham com internet, com jogos, mas tem muito a questão do entretenimento. O que não deixa de ser alguma coisa, mas não é só isso. O ideal é que não seja só isso. Que seja também..., o principal é que seja mais uma ferramenta para você estar desenvolvendo seu conteúdo, não é, sua proposta de trabalho."

Essa é uma concepção bastante recorrente entre professores e foi identificada também por Labrunie (2004) em trabalho intitulado Máquinas didatizadas: uma análise dos usos das tecnologias da comunicação e da informação na escola. A partir de observações de aulas e de entrevistas realizadas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

com professores de um importante colégio público da Cidade do Rio de Janeiro, a autora descreve formas de uso das mídias na escola e conclui que há basicamente duas formas possíveis de se trabalhar com as TICs na escola: uma que explora de forma mais criativa e produtiva os produtos da mídia, ou seja, filmes, programas de TV, propagandas, sites e softwares...; e outra que as utiliza exclusivamente como ferramentas pedagógicas, pressupondo a didatização das máquinas para que elas possam vir a integrar o universo escolar. Desse trabalho, destaco a fala de uma professora que é a favor da entrada das tecnologias na escola, mas que as utiliza como ferramenta pedagógica:

> "Na realidade, qualquer recurso que você possa usar em sala para auxiliar o processo de aprendizagem é fundamental. E principalmente porque essa geração é audiovisual. É a geração das imagens, que pouco lê a parte de literatura. Então você podendo juntar aquilo que eles gostam, com o que estão acostumados e didatizar de alguma forma que complemente seu livro didático e sirva como material de apoio, é imprescindível." (p.103)

Labrunie (idem) identifica neste tipo de fala que as tecnologias da informação e da comunicação, apesar de representarem uma nova dinâmica e forma dos alunos se relacionarem com o conhecimento escolar, devem ser submetidas a leis e métodos tradicionais dessa instituição, ou seja, aos modos como a escola sempre trabalhou. Portanto, ao serem didatizadas, o uso das mesmas se dá num plano secundário, tornando-se mais um recurso acessório do que uma nova forma de expressão.

Belloni (idem) classifica essa forma de uso das mídias nas escolas como uma extensão da chamada tecnologia educacional, que restringia a presença dessas tecnologias na escola apenas a práticas instrumentais, *"típicas de um certo tecnicismo redutor ou de um deslumbramento acrítico."* (p.13)

Uma fala muito interessante foi a do professor Roberto, ao se referir ao mau uso do vídeo por alguns professores e ao que ele considera um bom uso, recorrendo novamente à questão da produção de mídia pelos alunos:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

> "Eu me lembro na década de 80 que o vídeo entrou na sala, na escola; até hoje, nem é bem trabalhado, 20 anos depois, o vídeo quase já saindo de linha, ele não é bem trabalhado nas escolas. Dificilmente a gente vê um professor trabalhando um vídeo e tendo um desdobramento assim daquele trabalho. (...) Então, o que é ver um vídeo para mim? É mostrar para eles que assim como aquele cidadão fez, eles também poderiam ter feito. A idéia original todos eles têm."

Essa utilização do vídeo enquanto recurso auxiliar de um ensino preocupado somente com a transmissão de conhecimentos ainda faz parte da prática de alguns professores. É possível encontrarmos a utilização do mesmo até como forma de passar o tempo, quando professores relatam que exibiram vídeos que não conheciam ou não haviam visto com antecedência e que não possuíam nenhum objetivo, nem planejamento prévios. (Fonseca, 2004, p.79.)

É possível encontrarmos nas escolas profissionais que trabalham das duas maneiras, ou seja, de um lado, preocupando-se em formar o aluno com uma visão consciente e crítica da utilização da mídia, de outro lado, mais voltado para a intenção de utilizá-la para tornar sua aula mais interessante em termos meramente técnicos.

Assim, verificamos que a incorporação de meios tecnológicos ao processo educativo pressupõe alterações na organização do trabalho pedagógico e nas relações aí estabelecidas. A utilização dos mesmos, por si só, não garante pedagogias democráticas e conscientes. Para isso, precisamos cada vez mais de estudos que apontem como têm se dado esses usos, procurando compreender as apropriações já realizadas, tanto aquelas que consideramos produtivas, quanto as que reproduzem modelos que precisam ser superados.

5.2
Aspectos relacionados à formação docente para o trabalho com mídias na escola

Primeiramente gostaria de tecer algumas considerações sobre a formação profissional dos professores, em geral, para mais adiante trabalhar com a formação específica para o trabalho com mídias.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

No Brasil, Ludke (1996) discute a socialização profissional dos professores insistindo na estreita ligação que existe entre formação inicial e formação continuada. Ela aponta como grande nó da questão a separação entre formação e experiência que, no seu entender, constituem uma unidade e não devem ser vistas como pólos opostos.

A autora partilha da idéia de que a formação inicial não é suficiente para dar conta dos conhecimentos necessários à prática docente, já que os conteúdos se renovam, as disciplinas evoluem, os alunos são diferentes, os avanços tecnológicos vêm determinando uma aceleração nas mudanças, enfim, a profissão docente está em constante mutação, sendo necessária uma formação continuada afim de mantê-la o mais atualizada possível. Uma pesquisa coordenada por ela sobre a socialização profissional de professores do Ensino Fundamental e Médio no Rio de Janeiro, também apontou na direção da valorização do aprendizado na prática, ao longo da carreira, levando os pesquisadores a concluir que a formação inicial, por melhor que seja, é sempre apenas isso, uma preparação introdutória, que se completa necessariamente com aquilo que se "aprende fazendo, com os alunos" (Ludke, idem, p. 11).

A profissionalização é, então, um processo que se inicia na graduação e continua ao longo da carreira dos indivíduos. No caso especifico dos professores, Maurice Tardif (2000) ainda o coloca como um profissional que respira o seu meio há muito mais tempo do que qualquer outro, já que sua relação com o campo profissional vem desde os tempos em que ele próprio era estudante. Assim, o contato do professor com seu meio de atuação é anterior à própria formação para o magistério.

A necessidade de dar ênfase à formação pela prática, na sala de aula e frente à frente com os alunos tem sido constatada também internacionalmente, em especial entre professores primários, mas também junto a professores de outros níveis da educação básica (Tardif et alli, 1991; Perrenoud, 1993). Nos termos propostos pela equipe canadense coordenada por Tardif (1991), os professores conferem "aos saberes da experiência os fundamentos da prática e da competência profissional" e consideram a sala de aula e a interação cotidiana com os alunos como um teste, tanto do profissional quanto de seus saberes (p. 216).

Esses pesquisadores assinalam que na universidade responsável pela formação inicial não há espaço nem tempo para o amadurecimento profissional,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

ou seja, nenhum professor chega pronto ao trabalho. Por ser um conhecimento que se constrói pela teoria e pela prática, o saber docente não tem como ser totalmente previsto, necessitando existir uma formação continuada, que busque justamente aliar as teorias e conhecimentos novos à prática e experiência que o professor vai adquirindo ao longo dos anos.

Os termos formação continuada, permanente, em serviço são, portanto, termos equivalentes que mostram a necessidade de uma formação para além daquela inicial. Com relação à formação continuada na profissão docente, encontramos diversas possibilidades, desde palestras de atualização até cursos universitários de pós-graduação, que podem assumir objetivos, conteúdos e formas distintas e, aqui, buscaremos fazer uma distinção entre estes diversos projetos. Para isso, utilizaremos como referência principal o trabalho de Santos (1999), em que a autora discute a formação contínua ou formação em serviço do profissional/educador.

Para essa autora os processos de formação continuada podem ser distinguidos de acordo com a origem da iniciativa, sendo possível de se identificar iniciativas pessoais, bem como institucionais, onde ambas podem ser individuais ou coletivas.

A iniciativa pessoal de caráter individual ocorreria quando o educador ingressa em cursos (especialização, mestrado, doutorado...) de acordo com seu interesse, em horário diferente de seu horário de trabalho. Já a iniciativa pessoal de caráter coletivo ocorreria quando professores se reúnem em grupos e contratam um profissional para lhes assessorar em uma área especifica, com o objetivo de ajudá-los a resolver possíveis problemas de sala de aula ou a se aperfeiçoarem em determinado conteúdo. Nestas duas modalidades, temos como principal característica o fato de que são os professores (um ou um grupo) que assumem a despesa, disponibilizam um horário extra e assumem a responsabilidade pela sua formação.

Já as iniciativas institucionais de caráter individual ocorreriam quando a instituição “promove a qualificação de seus docentes, liberando-os total ou parcialmente de suas funções e/ou arcando com o pagamento das despesas para a realização, dentre outros, de estágios técnico-científicos, cursos de especialização e pós-graduação (mestrado ou doutorado)” (Santos, 1999, p.6).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

Com relação às iniciativas institucionais de caráter coletivo, elas seriam aquelas oferecidas aos educadores pelo sistema de ensino ou pelas escolas, podendo assumir a forma de cursos, seminários, semanas de estudos, etc. Nestas atividades a participação pode ser tanto voluntária como obrigatória.

Vale lembrar que, no Brasil a formação continuada recebeu grande estímulo a partir da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96), que ampliou as possibilidades de formação dos profissionais da educação, reconhecendo a validade da capacitação em serviço.

Em se tratando dos professores de sala de leitura pólo, há uma exigência de atendimento a cursos, palestras e seminários, dentro de sua grade de horário, ou seja, dentro de suas horas de trabalho, é oferecida essa formação. Porém, isso não ocorre na profissão docente em geral. Ao contrário, como já assinalamos com relação ao horário mais rígido dos professores de sala de aula, principalmente os da educação básica, é muito difícil que eles tenham, dentro de sua grade, disponibilidade para realizar cursos ou assistir a palestras.

No meu entender, isso se coloca como um grande entrave para a formação continuada no magistério, já que é facilmente justificável o professor não querer participar de nenhum tipo de formação que invada seu tempo de vida pessoal, que já é invadido quando ele leva trabalho para casa (correção de provas, planejamento, preparação de material...). Assim, cabe às instituições escolares criar mecanismos para que a formação continuada aconteça efetivamente no tempo de serviço, oferecendo ao profissional uma oportunidade ótima de aperfeiçoamento.

Além dessa questão, não podemos deixar de mencionar os altos custos desses cursos e palestras e o pouco incentivo financeiro dado aos professores por parte das instituições de ensino, dificultando ainda mais a realização dos mesmos. A professora Cristina menciona esse problema em dois momentos da entrevista que concedeu a esta pesquisa:

> Eu adoraria fazer um curso de Mestrado. Infelizmente o meu salário não comporta.
>
> Eu trabalho em quatro escolas. Eu trabalho de segunda a sexta, eu não tenho como parar hora nenhuma, porque, se eu parar pra fazer curso, eu não dou aula.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

Estas falas refletem a realidade da profissão docente tanto em termos financeiros, por causa dos baixos salários, quanto em termos de disponibilidade de horário, revelando a dificuldade em se fazer cursos.

Essa professora, a meu ver, ainda pode ser considerada privilegiada já que, como elemento de sala de leitura pólo, ela ainda possui algumas ofertas de cursos dentro de seu horário de trabalho e sem custo algum, que são oferecidos pela SME. O grande problema, neste caso, é permitir que a formação continuada fique totalmente restrita a essas ofertas, deixando muitas vezes de contemplar os interesses e necessidades dos professores.

Vê-se que, na profissão docente, como em tantas outras, falar-se em formação continuada, ainda é falar-se em um grande investimento financeiro e pessoal e é preciso que políticas públicas sejam pensadas mais fortemente no sentido de incentivar e viabilizar esse tipo de formação, de uma forma mais consistente, que não recaia tanto em esforços por parte do professor.

Falando mais diretamente na formação para um trabalho com mídias, cabe perguntar como ela deveria ser. Que profissional é esse e de onde deve vir essa formação? Os profissionais da escola e, mais especificamente, os profissionais de sala de leitura pólo estão recebendo uma formação adequada para este tipo de trabalho? Ela é apenas uma formação inicial ou e continuada?

Dentro da proposta defendida por Rivoltella (2004), a formação de quem trabalha com mídias configura três tipos de profissionais que se encontram no mercado atualmente. Ele tenta estabelecer especificidades e diferenças entre aqueles que realizam trabalhos educacionais **sobre os meios** e aqueles que teriam sua prática educacional dentro do que ele considera a **mídia-educação**.

O autor informa que, na Itália, os educadores não estabelecem nenhuma ligação com a mídia enquanto os comunicadores acreditam que as questões educacionais não lhes dizem respeito — são problemas dos educadores, sendo muito difícil convencer os educadores de que a mídia é parte do processo de suas ações. Defende, então, a formação de um novo profissional para trabalhar com mídias, cuja denominação varia segundo o trabalho que desenvolve e a área em que atua:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

- Educomunicador – aquele que trabalha com a mídia na educação, na escola, privilegiando seus aspectos comunicativos.
- Educador de multimeios – aquele que tem como objetivo apenas alfabetizar o aluno no mundo eletrônico, privilegiando os aspectos técnicos da mídia.
- Mídia-educador – profissional situado entre as áreas da comunicação e educação, apto a trabalhar não só em escolas, mas junto às empresas de comunicação, às agências de publicidade ou às produtoras, representando a figura de um interlocutor entre a sociedade e estas empresas.

No Brasil, a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, principalmente através do professor Ismar Soares[9], tem defendido a formação do educomunicador, ou seja, do profissional ligado às áreas da comunicação e da educação e que tem como objetivo trabalhar as questões da comunicação dentro das escolas e nas comunidades locais.

Para Rivoltella, o mídia-educador seria o profissional mais adequado para um trabalho nos moldes defendidos pelo campo da mídia-educação, já que deveria saber trabalhar com a comunicação e deveria ter também conhecimentos da área educacional. Não se trata de um técnico da área, um especialista, mas de uma pessoa que conhece os aspectos das duas áreas (comunicação e educação) e que sabe dialogar com todos os profissionais envolvidos em um processo de produção de mídia — agindo como um coordenador. No seu entender, este profissional é capaz de atuar como um interlocutor entre a sociedade e as tecnologias da informação e comunicação, exercendo grande influência sobre ambos e garantindo, por exemplo, a qualidade da programação exibida pelos meios de comunicação, bem como a formação de uma audiência crítica e reflexiva.

Ainda segundo este autor, a grande dificuldade se encontra na formação deste mídia-educador, já que isto deveria acontecer através da articulação entre os campos da educação e da comunicação, e esta, na prática, ainda não existe. Como já dissemos, cada área do saber tem ficado restrita a sua função mais específica, sem um intercâmbio, que seria fundamental para o surgimento desta nova figura.

Verificamos nas falas dos professores entrevistados que a formação ancorada tanto na área da comunicação quanto na área da educação não tem acontecido. Aliás, raras são as faculdades de educação que têm oferecido

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

disciplinas voltadas para o entendimento e o uso das mídias pelos profissionais de ensino. Do mesmo modo, as escolas de comunicação demonstram pouco ou nenhum interesse pelas questões específicas do meio educacional.

Dos professores entrevistados, 6 dos 9, relatam ter obtido uma formação específica para trabalhar com mídias somente a partir de seu ingresso na sala de leitura e, principalmente, através de cursos oferecidos pela SME, mas relatam que a oferta de cursos acontece com regularidade, configurando-se em formação continuada. Raras foram as exceções em que a própria faculdade voltava-se para esse assunto e, quando isso aconteceu, não foi em faculdades de Educação, mas em faculdades de Artes Plásticas, Design e Letras, como se pode perceber na fala dessa professora:

> Cristina*:* Veja bem: na faculdade (de Artes Plásticas) eu tive essa cadeira de animação, que pra mim valeu muito. Eu fiz animação na faculdade e aí, acho um instrumento, uma linguagem muito interessante pra você trabalhar com a garotada. A mídia, assim, fora isso, eu trabalhei na Escola Superior de Propaganda e Marketing e lá eu via muita coisa sobre mídia.

Porém, todos os profissionais afirmaram que, a partir do momento que se integraram à equipe de Sala de Leitura, passaram a fazer cursos de aperfeiçoamento e concordam em dizer que esses cursos contribuíram para melhorar sua prática. Algumas professoras foram mais explícitas, dizendo que procuram aplicar com seus alunos os conhecimentos adquiridos nos cursos. Claudia nos conta: *"A SME tem promovido muita coisa em termos de mídia. (...) assim, eu procuro aplicar aquilo, aquele investimento que foi feito em mim..."*

Essa conscientização de que a sala de leitura pólo tem como uma de suas funções repassar e multiplicar os conhecimentos adquiridos para os componentes das salas de leitura satélites também foi uma constante nas falas dos entrevistados. A mesma professora nos fala: *"A sala de leitura ela é multiplicadora. Então, você capacita essas pessoas e elas estariam multiplicando isso na rede de alguma forma."*

Os professores de sala de leitura com mais experiência se tornam capacitadores e são chamados pela Secretaria para dar cursos em outras escolas. O

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

professor Roberto é um deles, e nos conta: *"... nesse momento eu já sou o irradiador, entendeu. Eu já sou o capacitador. Então, tem a capacitação de informática básica. Ai, eles me dão uma turma pra eu ensinar professores."*

Roberto defende que as capacitações sejam feitas pelos próprios professores de sala de leitura, dizendo que há muitos profissionais bem qualificados para isso e critica quando a secretaria chama pessoas de fora da Rede para realizar algumas dessas formações. Ele diz ser um desperdício, já que na Rede existe tanto profissional bom e que entende muito mais das especificidades da mesma. Comentando sobre algumas dessas capacitações, ele nos diz:

> Até ano passado, nos tínhamos de vídeo e de rádio. Mas era assim, eram pessoas que davam. Pessoas que desconhecem a estrutura de uma escola pública. A gente brigava muito e briga até hoje porque a Multirio, a própria Simone (se referindo a diretora pela Divisão de mídia-educação da SME) quer colocar pessoas de fora da rede pra fazer essas capacitações. Nós temos na rede um professor que, em termos de transmissão radiofônica escolar, ele é nota 10. É um cara que sabe tudo! Então, não adianta você pegar uma pessoa de rádio, como nós pegamos no ano passado uma pessoa, pra fazer essa capacitação porque ele desconhece a coisa material. A gente vê as vezes escola que não tem nem isso, esse gravadorzinho que eu estou falando (aponta pro meu gravador, mini gravador). E de repente esta se criando uma coisa muito além que a escola não pode, naquele momento, oferecer. Então a gente viu no ano passado, ano retrasado, capacitações infrutíferas, um dinheiro mal gasto com capacitações de informática, de vídeo, de rádio, etc. Quando saiu a internet também. Pra uma escola que não tem computador isso não existe. Você não vai fazer um curso desse pra uma escola que não tem computador, não tem internet.

Essa questão da valorização dos saberes docentes também é abordada pelos autores citados anteriormente, que estudam a profissionalização dos professores. Há uma tendência a se desvalorizar os conhecimentos adquiridos pelos professores, na prática, e a valorizar os conhecimentos vindos de fora, da academia. A fala do professor Roberto reflete um pouco essa tendência quando ele

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

enfatiza que se podem ter bons capacitadores dentro da própria rede de ensino, ao invés de se chamarem pessoas de fora.

Outro aspecto bastante interessante que surgiu com relação aos cursos oferecidos foi a idéia de troca de experiências por profissionais que realizam o mesmo tipo de trabalho. Esta troca entre os profissionais que estão trabalhando com mídias foi colocada como muito rica, contribuindo para a melhoria do trabalho de todos os envolvidos. Isso se refletiu em diversas falas, como a da professora Flavia, por exemplo:

> O curso influenciou, o contato com outras pessoas que também estão desenvolvendo. Eu acho que isso, a troca, é muito importante. Você vê que seu colega esta fazendo e você diz: "Poxa, isso deu certo lá, vou tentar fazer na minha (escola)." E daí você descobre a sua fórmula. É aquela história do Nicolau que tinha uma idéia. O cara tem uma idéia e você tem a sua. De repente você junta a sua com a dele e aí já é uma terceira idéia e quando você encontra um outro já é uma quarta, uma quinta.... Então, essa coisa de estar em contato com pessoas que pensam e fazem trabalho com mídia, acho que favorece muito! O contato com o meio favorece.

Há, portanto, uma conscientização por parte dos professores de que o trabalho deve ser feito de maneira conjunta, com troca de experiências, enriquecendo a visão de cada um e facilitando a transposição das dificuldades encontradas. Como diz Belloni (idem) o professor tem que aprender a trabalhar em equipe, sendo imprescindível que quebre o isolamento da sala de aula convencional e que assuma funções novas e diferenciadas. Em suas palavras: "*A figura do professor individual tende a ser substituída pelo professor coletivo.*" (p.29)

Portanto, se é fato que pelo menos os membros da sala de leitura possuem uma gama de ofertas com relação a cursos e formação em serviço, e que esses cursos, em sua maioria são encarados como possuindo um aspecto positivo no que se refere a influências nas práticas pedagógicas, vimos que também há criticas com relação aos profissionais que são chamados a ministrar tais cursos. Uma possível solução seria encontrar um equilíbrio entre os capacitadores, já que a formação e o conhecimento são importantíssimos, mas não podemos negar que o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

conhecimento do ambiente de trabalho e da Rede municipal de ensino também não deve ser jogado fora.

Aqui, vale lembrar que, se a troca entre os profissionais da escola que realizam o mesmo tipo de trabalho, bem como a atuação destes professores como capacitadores e promotores de cursos para seus colegas, pode ser muito rica, por outro lado, constróe-se aqui um círculo fechado. Se a experiência do colega serve para que não se repitam alguns erros e para que se poupem etapas vistas como mal sucedidas, ela também pode atuar como impeditivo para que novas experiências sejam vividas, novos saberes e práticas sejam criados, dificultando a mudança. Essa é talvez uma das contradições intrínsecas à socialização profissional — ela tanto pode propiciar caminhadas menos tortuosas, já que quem chega tem o caminho das pedras apontado pelos que já estão na profissão há mais tempo como pode manter a profissão estagnada, na medida em que pode haver acomodação e repetição daquilo que foi bom para alguns professores, no lugar de experimentar algo novo. Assim, deve-se ter cuidado para que estas trocas não se transformem em impecilho para que os professores mais jovens ou recém-chegados se arrisquem em outras propostas.

Aqui, mencionamos a questão salarial. Vimos que os professores de sala de leitura pólo têm agregado novas e amplas atribuições à sua prática, mas, apesar disso, continuam com a remuneração que possuíam antes de seu ingresso neste espaço, ou seja, remuneração de professores regentes de sala de aula. O fato de não haver nenhuma mudança com relação à remuneração destes profissionais, sem dúvida, pode desestimulá-los a quererem assumir este cargo e todas as implicações que ele carrega, prejudicando o trabalho.

Para complementar essa análise, gostaríamos de ressaltar a importância da formação para o trabalho com mídias ser oferecida a todos os professores da rede e não apenas a uns poucos escolhidos. Longe de queremos criar uma casta de mídia-educadores entre os docentes, a ampliação da oferta de cursos para todos os profissionais (os que estão em sala de leitura e os regentes de sala de aula) tornará viável o uso crítico e consciente das mídias enquanto processo incorporado por toda a escola. Assim, todos os professores precisam estar preparados e atualizados para este tipo de prática, demonstrando que a escola está sintonizada com as novas demandas que se colocam na sociedade. Esta formação poderá contribuir também para que os docentes trabalhem de forma conjunta, com a cooperação e integração

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

dos professores de sala de aula e da sala de leitura, evitando impasses, que dificultam a realização do trabalho e foram colocados por alguns dos entrevistados, dos quais trataremos mais adiante.

Além disso, essa apropriação e utilização das mídias de forma transdisciplinar, ou seja, por todos os professores da escola, nos termos propostos por Buckingham (2002) é uma das condições para que a mídia-educação seja vista como processo da instituição escolar como um todo e não fique restrita a especialistas isolados.

5.3
Práticas mídia-educativas: observações feitas na escola

No que diz respeito a práticas mídia-educativas, encontramos professores que já mantinham uma prática de uso das mídias em suas aulas antes de ingressarem na sala de leitura e professores que passaram a se interessar e a trabalhar com mídias a partir de sua entrada nesse espaço.

Nas observações realizadas foi possível verificar que realmente a sala de leitura é um local em que o profissional deve fazer uso das mídias, de acordo com o que consta nos documentos oficiais no que tange aos seus objetivos e atribuições. Foi possível ainda perceber que os profissionais que realizavam atividades com mídias antes de integrarem a equipe de sala de leitura haviam tido acesso a esses conteúdos em sua formação ou que já possuíam grande interesse por esse tipo de trabalho. Em contrapartida, os profissionais que nunca tinham realizado um trabalho com mídias antes da sala de leitura, só passaram a ter formação específica a partir de seu ingresso, quando vieram também a interessar-se por esta prática. Assim, vale assinalar, mais uma vez, o quanto a formação inicial e/ou um contato prévio com práticas mídia-educativas pode influenciar na relação que os professores terão com as mídias ao longo de suas carreiras.

Uma das atividades observadas na escola foi realizada no laboratório de informática. Uma turma da quarta série do ensino fundamental realizava pesquisa sobre um determinado autor, cuja história de vida deveriam contar posteriormente. Nesta atividade, pude perceber que havia um interesse grande por parte dos alunos e que o professor atuava como coordenador. Os estudantes foram estimulados a buscar ali as informações relacionadas com o autor em questão, observando-as e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

anotando-as para que depois cruzassem com as outras informações encontradas pelos diferentes alunos e chegassem a um panorama da vida e obra do autor. Aqui, pareceu-me que havia uma atitude mais ativa e produtiva dos alunos, que precisavam navegar pela internet, procurando e selecionando os dados mais relevantes para suas pesquisas, anotando-os e associando-os a outros fatos encontrados. O uso do computador e da internet como fonte de pesquisa pode ser bastante rico e apresenta-se bastante distinto de pesquisas feitas em materiais impressos, por exemplo. A presença da imagem em movimento, bem como do uso de diferentes linguagens e das numerosas fontes de informação oferecidas pelo computador e pela internet permitem aos alunos apreender as informações de forma não-linear, alem de possibilitar-lhes seguir rumos completamente diversos uns dos outros, de acordo com seus próprios interesses. A possibilidade de acessar múltiplas paginas e de utilizar "links"[1], faz com que os percursos seguidos sejam os mais variados possíveis, enriquecendo a pesquisa e trazendo novidades para o debate posterior. As fotos abaixo ilustram a atividade observada.

Figura 1

[1] Instrumento que possibilita a criação de ligações entre assuntos e palavras de um dado texto com outros textos na internet.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

Figura 2

Uma outra atividade foi culminância de um projeto de Dia das Crianças, que resultou em uma pequena peça de teatro apresentada pelos professores (professores de sala de aula e de sala de leitura, demonstrando, nesse caso, uma parceria entre todos os profissionais da escola) para todos os alunos. Uma das professoras me disse que a história da peça foi sugerida por uma turma da segunda série, e a seleção de músicas foi feita por algumas turmas, considerando o que eles achavam encaixar-se melhor no enredo. O cenário era bastante simples e também possuía elementos de decoração feitos pelos alunos. Além disso, ouve uma votação para sugerir qual professor se encaixava melhor em qual papel, realizada pelos alunos da primeira a quarta séries. Foi interessante observar como a peça apresentada enquadrava-se num modelo de "comedia romântica" muito presente nas novelas brasileiras, onde há um "príncipe encantado", "uma mocinha sofredora", "vilões", que fazem de tudo para separar o casal apaixonado, que acaba ficando junto e feliz no final. As músicas também pareciam sofrer influência da mídia televisiva, já que a maioria delas fazia parte da trilha sonora de uma novela para adolescentes, veiculada por uma grande rede de televisão brasileira.

Na verdade, aqui, não foi possível observar a participação das crianças no processo de produção da peça, apenas ouvir os relatos dos professores com relação a estas escolhas feitas previamente. Assistimos ao resultado – a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

apresentação da peça — e verificamos a satisfação das crianças com o produto. O professor Roberto fez questão de filmar toda a apresentação, alegando ser uma prática permanente da escola documentar todos os projetos que envolvam a participação de professores de sala de leitura, com o intuito de criar um acervo de material. Algumas fotos ilustram a situação descrita acima.

Figura 3

Figura 4

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

Figura 5

Uma outra experiência educativa observada na escola foi a filmagem de uma animação. Os professores de sala de leitura se envolveram em quatro projetos ao longo do ano.[2] A professora Cristina explicou-me que estes projetos foram decididos pela equipe de sala de leitura, no início do ano, e ao longo do mesmo foram sendo desenvolvidas etapas de produção que envolviam criação, reconto, continuação e reapresentação de histórias, produção e montagem de cenários, filmagem das cenas, gravação de voz e edição (as crianças não participaram da última etapa — edição — porque, segundo os professores, por falta de equipamentos adequados, ainda não é possível fazer isto na escola, por isso, eles fazem em casa).

Cristina contou-me que as quatro histórias trabalhadas foram:

> A Roupa Nova do Rei, A Flor do lado de lá, do Roger Melo, Montros Caseiros, que são dois livros, não são nacionais, são de um casal americano, e A libélula Abilolada, que e da Bia Hetzel. E cada turma ficou com um livrinho desse e a gente ia lendo a história e conhecendo,

[2] Na realidade, existiram outros projetos desenvolvidos pela sala de leitura. Mas, de acordo com os próprios professores, foram projetos mais pontuais, que duravam apenas alguns meses. No caso dos quatro citados acima, eles forma desenvolvidos ao longo de todo o ano e envolveram varias etapas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

> discutindo as palavras novas que iam aparecendo, onde se passava. Depois começa o processo de desenhar. Desenhar personagens e formação da história.

Ela me explicou a diferença entre os projetos, onde em alguns havia participação das crianças quanto à criação de texto e em outros não. No texto de Hans Christian Andersen, a história foi reduzida, mantendo-se fiel à versão original. Já na história da Libélula Abilolada, os alunos criaram uma nova história a partir do livro, criando seus próprios insetos. Cristina me explicou que, nesse caso, houve a produção de um texto coletivo, onde cada criança inventava um pedaço da história dando continuidade ao anterior. Nas palavras da professora, este é um sistema muito interessante porque *"...a história tem viradas homéricas. Cada um que entra vai mandando a história pra um lado que você não imagina."*

Uma outra história, a da Flor do lado de lá, não possuía nenhum texto escrito, apenas imagens. Aqui, as crianças foram convidadas a continuá-la do ponto onde ela parou, mas com texto escrito somado aos desenhos.

Passada a etapa de criação e adaptação de textos, os professores partiram para o que eles mesmos chamaram de "mão na massa". Ou seja, tirar tudo do campo das idéias e do papel para colocar no plano concreto. Primeiro as crianças desenham, depois analisam os materiais mais adequados para se fazer os personagens e os cenários, constroem tudo e por último vem a etapa da filmagem, que foi efetivamente observada, mas apenas uma vez teve a participação dos alunos. Cristina explicou que era um processo muito cansativo para eles que, depois de um tempo, acabavam se dispersando, e os professores têm que terminar a filmagem sozinhos. Como ela diz: *"A movimentação é mínima. Aí eles começam a rodar na cadeira, eles começam a mexer no computador, eles começam a correr, sentam na cadeira, dispersam. É difícil."*

Em um outro momento, Cristina colocou a mesma preocupação:

> "Eles começam, mas eles não têm fôlego pra continuar. É um trabalho árduo porque é muito repetitivo. E se não der certo, filma-se tudo de novo. E aí, cansa, eles não têm esse entendimento, entendeu? Mas, aí, o que acontece? Nessa hora eu mostro o processo, mas na hora que a criança está esgotada você tem que liberar, não tem como manter junto. E

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

> você não pode montar toda aquela estrutura para fazer meia hora de filmagem."

Como vimos, além da dispersão das crianças, a falta de um espaço adequado para que se mantenham os cenários montados, também faz com que a filmagem tenha que ser concluída num determinado tempo. Observamos uma filmagem que estava sendo realizada no laboratório de informática, como tem acontecido com todas as outras, segundo os professores. Assim, eles têm que filmar para que a sala seja liberada, já que quando ocorre este tipo de atividade, o laboratório não pode ser utilizado por outras turmas, durante todo o processo.

A descrição das etapas de trabalho e a observação de uma parte da filmagem e de outras atividades envolvendo múltiplas linguagens nos leva a pensar que a utilização das tecnologias da informação e da comunicação, tanto como fonte de construção de conhecimento quanto como ferramenta pedagógica parece estimular os alunos a desenvolver uma postura mais ativa diante da aprendizagem e a se interessarem mais pelas atividades. Talvez, a possibilidade de trazer para dentro da escola instrumentos tecnológicos que fazem parte do cotidiano fora dela estimule-os no sentido de engajarem-se mais. Além disso, é inegável que os estímulos e a dinâmica oferecidos por estas novas tecnologias exercem grande atração nas crianças.

Nestas atividades os alunos parecem adotar uma postura produtiva e interativa, já que têm que negociar com os colegas como será a história contada, como serão os personagens, o cenário, enfim, uma série de aspectos que exigem uma decisão conjunta. Mesmo nas situações de pesquisa, a decisão de qual caminho seguir, quais *links* fazer, exige que os alunos se organizem e reflitam sobre suas escolhas. Podemos supor, então, que quando as mídias são utilizadas como instrumentos de acesso e produção de conhecimento, ultrapassando seu aspectos técnicos, de ferramentas, há uma maior possibilidade de que os alunos tenham atitudes mais produtivas e interativas. A própria dinâmica da aula já pressupõe atitudes deste tipo, onde os alunos se engajam em debates e discussões, permitindo inclusive que se expressem sobre assuntos que fazem parte de seu cotidiano fora da escola, mas que se relacionam com ele de alguma maneira e criando uma ligação interessante entre a vida dentro e fora da escola. Este fato também é bastante importante, já que a possibilidade do aluno relacionar os

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

conhecimentos produzidos dentro da escola com suas experiências fora dela, aproxima estes dois "mundos", que muitas vezes parecem distantes e sem significado, mas que na verdade fazem parte integral da vida dos alunos.

Seguem, abaixo, fotos do processo de filmagem, feitas por mim durante uma observação de campo:

Figura 6

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

Figura 7

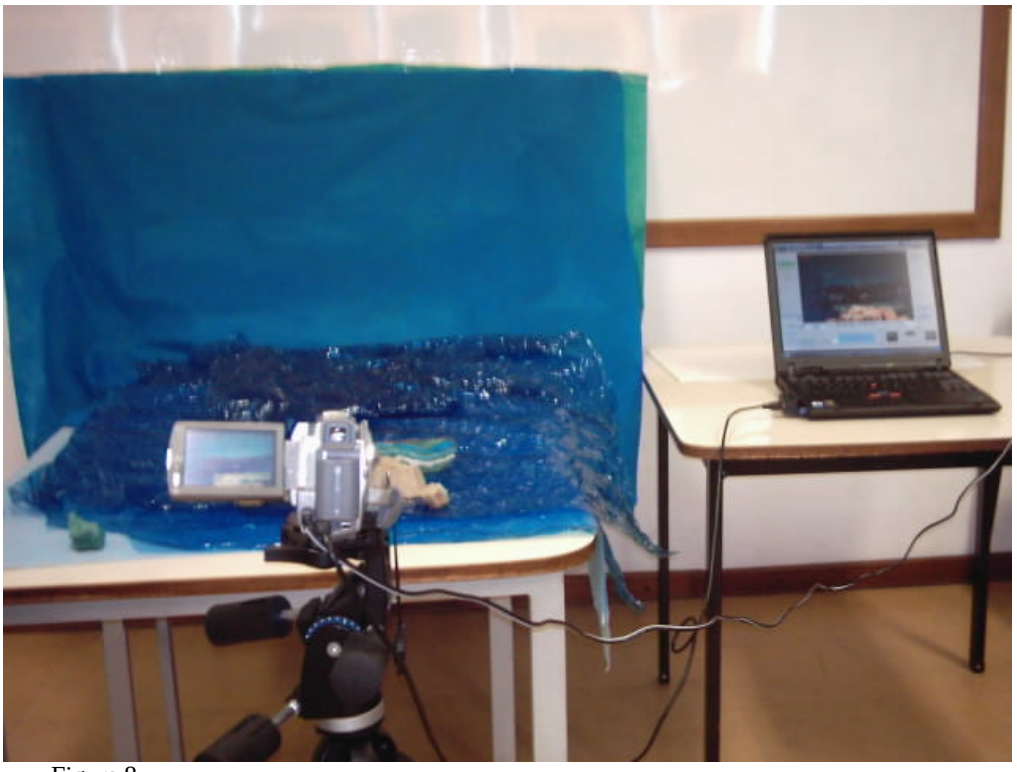

Figura 8

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

Figura 9

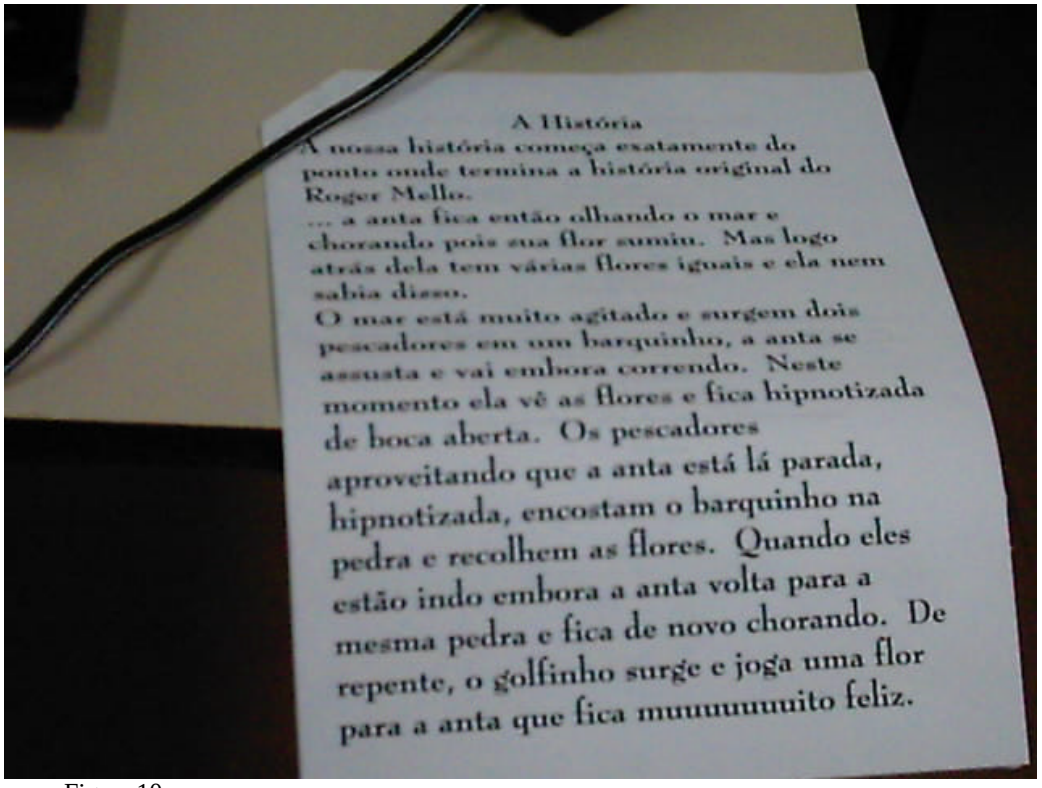

Figura 10

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

Figura 11

Figura 12

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

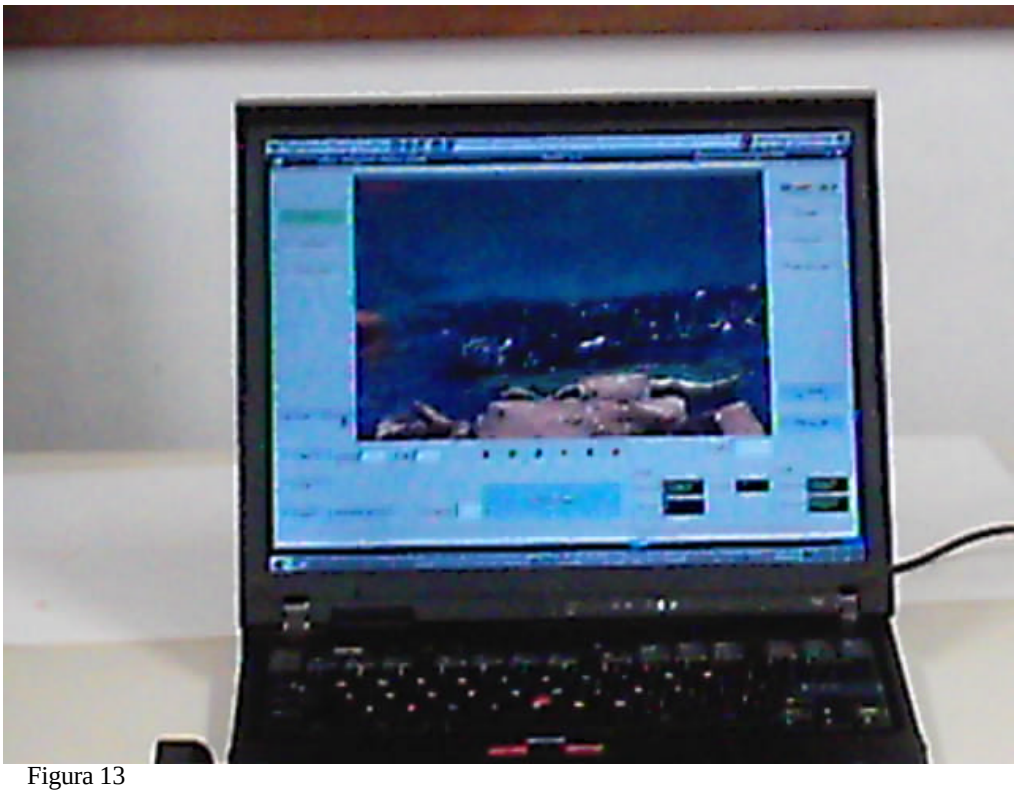

Figura 13

A observação destas atividades nos faz pensar se elas realmente se enquadram no que vem sendo tratado como mídia-educação, principalmente segundo Buckingham (2002). O autor, como já foi citado anteriormente, propõe o estudo das mídias, dentro da perspectiva da mídia-educação, basicamente através de quatro grandes eixos de análise: representação, audiência, linguagem e produção.

Está claro, para nós, nas entrevistas da maioria dos professores e nas práticas observadas, que muita da utilização das mídias e das tecnologias enquanto meras ferramentas pedagógicas já vem sendo superadas. Há uma preocupação em se trabalhar de forma crítica, mostrando aos alunos que eles são capazes de ler e também de produzir mensagens, facilitando sua compreensão de que, portanto, as mensagens são sempre produzidas por alguém, com determinada finalidade, enfim, conscientizando-os e alertando-os para esse mundo midiático que se apresenta em todas as esferas de nossas vidas. Há uma preocupação também com o desenvolvimento de sua criatividade e de utilizar as novas tecnologias como formas diferentes de expressão e comunicação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

Porém, se analisarmos com cuidado, verificamos que ainda há um longo caminho a se percorrer no sentido de ampliar estas práticas e considerá-las realmente mídia-educativas, ou seja, preocupando-se também com estudos da audiência, da representação, da seleção destas mídias e veículos do que vai ser comunicado. Enfim, parece-me que os alunos ainda participam pouco do processo de escolha da forma do que será produzido, do estudo das linguagens que podem ser utilizadas para se transmitir determinada mensagem e de qual é a mais indicada, pouco pensam em para quem estão produzindo, pouco trabalham com os produtos que são efetivamente veiculados pelas mídias, ou seja, o estudo e processo de produção das mídias pelos alunos ainda está muito vinculado aos projetos pré-definidos pelos professores de sala de leitura, que ainda não tem contemplado todos esses aspectos.

5.4
Impasses e sugestões dos docentes para melhorar suas práticas

Por último, gostaríamos de analisar as falas dos professores no que se refere às sugestões para a realização de um trabalho de melhor qualidade. Diferente do que havíamos imaginado, de que as sugestões ficariam mais em torno da questão da falta de equipamentos, o que mais nos chamou atenção foi a reclamação de falta de parceria entre os professores da sala de leitura e os professores de sala de aula.

Isso se refletiu em diversas falas, como a da professora Roberta:

> Olha, o que falta na sala de leitura não é equipamento não, a gente tem vários equipamentos. Eu acho que é o professor de turma, o professor regente ainda, pelo menos na minha escola e nas escolas que eu visito, que eu ouço falar, que eu agora faço parte da comissão gestora da CRE de informática. Então vou passar a visitar os laboratórios, e já faço parte da comissão gestora da SME, há 2 anos, e o que eu percebo é que ainda tem, você já deve ter visto ou ouvido falar, ainda tem laboratório fechado, o professor ainda resiste por causa disso.Então eu acho que nós temos ainda que fazer a capacitação para o professor regente. Ele ainda tem dificuldade de freqüentar a sala de leitura.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

> Até para passar uma simples fita. Eu tenho um acervo de quase 500 fitas. O professor chega na sala, o professor regente, "Ah, eu quero uma fita sobre a 2ª Guerra Mundial para passar agora." Quer dizer, eu acho que ele tem que se acostumar a vir, ver qual é o acervo, levar a fita pra casa, ver no tempo vago dele. Qual daquelas 5, 10 fitas vai ser ideal para o aluno dele. Eu acho que ele tem que se acostumar a planejar um pouco mais. Ele não sabe, mas também ele não vai, não tem aquela curiosidade, no meu tempo vago, no meu horário complementar, eu vou lá e vou mexer. Qualquer dúvida eu vou chamar a professora de sala de leitura. Ele ainda não tem essa iniciativa, então, está faltando isso, que isso vai facilitar.

A professora Flavia compartilha do mesmo sentimento:

> *F* – O que atrapalha o trabalho com rádio, com qualquer outra mídia, é assim, uma resistência grande dos professores. A gente vê que eles não entendem muito a proposta da mídia como uma coisa que vai somar.
>
> E – Os professores regentes?
>
> F – Regentes. Então é um trabalho de formiguinha, de convencer os professores. Então eles querem um vídeo, um vídeo lazer, um vídeo só pra passar, para deixar a criança. Depois acabou, eles desligam tudo. Então querem vídeos longos, que durem uma hora e meia, isso é um trabalho que demora. Trabalho com a mídia, de produzir mídia, é um trabalho que demanda tempo e que muitas vezes não se encaixa no perfil e no sistema de grade de horário de disciplinas, de tempo de 30, 45 minutos para dar aquela disciplina. Então, esse trabalho extrapola esses tempos, extrapola as disciplinas, extrapola tudo. Então, às vezes, os professores se vêem muito assim presos à camisa de força. Não é culpa deles não. Não só da resistência deles, até porque muitos aprenderam dessa forma e acham que só existe a maneira tradicional de se dar uma aula. Quando muito, usam o vídeo mesmo, ou qualquer outra mídia, a música, o jornal... não o aluno produtor... trazem o jornal para a sala de aula, trazem um vídeo para a sala de aula. Não que ele vá produzir o jornal, nem o vídeo, nem nada! Quando eles usam dessa forma, é dentro

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

> do esquema mesmo tradicional: 10 minutinhos isso, aí vou fazer uma atividade, um questionário. Fica nessa linha.
>
> F- Então, esse esquema da escola, como ela está organizada, eu acho que ela, sabe, atravanca muito o trabalho com mídia, não é? Porque eu entendo o lado do professor. Ele estabelece que tem que cumprir uma meta de conteúdos e objetivos lá. Ele tem que trabalhar tais competências e tais habilidades e aí ele não consegue, entendeu? O tempo é curto e esse trabalho demanda tempo. Ë um vai e vem o tempo todo. Não ficou bom, então vamos voltar, vamos fazer de outra forma.

Essas falas demonstram bem o que foi falado anteriormente com relação ao uso do vídeo sem planejamento, e como ele, ao uso de outras tecnologias, como se elas fossem realmente meros aparatos técnicos, com função de deixar uma aula menos monótona. Isso demonstra que a escola ainda não esta adequada ao tipo de trabalho proposto pela mídia-educacao, seja em termos de horas-aula, insuficientes para a conclusão dos mesmos, seja em termos de preparação do profissional que vai lidar com o mesmo. Sendo assim, vale dizer que, enquanto a escola não se estruturar de forma a acompanhar a quantidade de mudanças que vem ocorrendo e transformando nossa sociedade e nossas vidas, a entrada da tecnologia na escola pode seguir o padrão da "didatizacao" (Labrunie, 2004).

Parece-me que para os professores de sala de leitura, que já vêm participando de cursos para uso da mídia de uma forma crítica, que envolva análise e produção, fica bem mais fácil trabalhar nos moldes de uma prática mídia-educativa, enquanto que para os professores de sala de aula, talvez ainda falte essa experimentação. Mais uma vez recorro à necessidade apontada por Duarte (idem) dos cursos de formação de professores contemplarem a dimensão formadora para o uso das mídias.

O professor Roberto tem a mesma queixa com relação à falta de parceria entre os professores e fala de sua tentativa atual de mostrar aos colegas, através de capacitações que oferece na escola em que trabalha, a importância do trabalho coletivo nessa área, Ele nos conta:

> R – Esse ano eu estou dando suporte; minha proposta aqui na escola, basicamente, é fazer com que as professoras utilizem. Por que? Durante

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

> muito tempo, eu ia, pegava as crianças e ia pra lá [para a sala de leitura]. E as professoras desapareciam. Iam fazer qualquer coisa, fumar, fazer as atividades delas lá.
>
> E – Não é obrigatória a presença da professora na sala de leitura?
>
> R – Não é obrigatória. Mas a proposta é que elas aprendam. E eu sempre briguei porque fizeram essa coisa da grade. Eles chamam de janela, da grade, para que a professora possa vir a aprender. Muitas não querem. A gente respeita isso. Mas se elas não querem, eu também não vou mais querer trabalhar com elas. Porque eu falei, eu não sou eterno. A gente recebe muitos convites, quer dizer, eu recebo muitos convites pra trabalhar em determinadas escolas que são realmente enriquecedoras, e valiosas pra mim. Em termos até monetários, financeiros. E eu penso, eu não sou eterno. Amanhã ou depois, se eu não estiver mais aqui, ninguém mais trabalha com o computador? Ninguém mais trabalha?

O professor Roberto nos conta, então, das capacitações que faz na própria escola, no sentido de tentar estimular as professoras regentes de sala de aula a utilizarem a mídia em suas práticas, sem a dependência da sala de leitura ou a se envolverem de forma mais efetiva nos projetos da mesma. Ele nos diz que atualmente tem sido muito solicitado a dar palestras e assessorar outras escolas satélites da rede de ensino e que, muitas vezes, acaba ficando ausente da escola por um tempo. Por isso mesmo, ele gostaria que o trabalho acontecesse e prosseguisse com as professoras de turma e que elas passassem a utilizar mais o espaço da sala de leitura com suas turmas.

Apesar de ainda considerar lenta essa aproximação dos docentes a sala de leitura, Roberto se diz muito satisfeito por já estar conseguindo fazer com que alguns professores trabalhem de forma cooperativa. Ele cita o caso de uma professora de Educação Física e uma professora de História que estão trabalhando em conjunto com a sala de leitura, criando páginas para internet, há mais de um ano. E faz uma previsão otimista de que se ele conseguir que, pelo menos, um professor por ano se proponha a trabalhar dessa forma, apropriando-se do trabalho com uso criativo das mídias, em 10 anos ele terá 10 aliados. Parece-nos estranho chamar essa previsão de otimista, se considerarmos o tamanho das escolas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA

municipais no Rio de Janeiro e a quantidade de professores que trabalham na rede, mas isso demonstra mais uma vez a lentidão com que a escola e alguns de seus profissionais tem trabalhado e a inadequação desta instituição às transformações que têm acontecido. Temos um século XXI com uma escola de século XVIII.

Ainda falando sobre essas capacitações, Roberto me mostrou um vídeo com uma atividade que realizou com as professoras da sua escola, num encontro de planejamento mensal que eles têm. Ele propôs a mesma atividade que uma outra professora de sala de leitura havia realizado com as crianças. Foi interessante porque as professoras, a partir de uma música, fizeram desenhos, produziram cenários e depois filmaram a história da música. Roberto relatou a correria que foi, já que eles só possuíam uma hora para realizar tudo, mas que seu grande objetivo era mostrar que trabalhar com vídeo pode ir além de passar fitas e que isso não é "nenhum bicho de sete cabeças", e que todas elas podem realizar trabalhos desse tipo sem depender da sala de leitura.

Ele relata que, no início, muitas resistiram, não queriam fazer, reclamaram, mas que no encontro seguinte, quando viram o resultado, todas demonstraram empolgação e entusiasmo, pedindo cópias da fita. Apesar desse tipo de incentivo ainda é difícil dar continuidade a este tipo de trabalho nas salas de aula, e essa empolgação parece se restringir aquele momento.

Um exemplo disso apareceu em uma conversa com a professora regente cuja turma estava envolvida em um projeto de animação na sala de leitura. Perguntada sobre qual era o projeto e sobre o que era a animação, a professora precisou recorrer aos alunos para responder, pois não sabia de absolutamente nada. Ela me confirmou que durante o tempo que seus alunos vão para a sala de leitura, ela aproveita para adiantar as correções e preparar material. Assim, essa distância entre os profissionais de sala de aula e de sala de leitura mostra-se bastante forte, necessitando ser superada.

Na realidade, apesar de já estarmos caminhando com relação à utilização que se tem feito das mídias na escola, pelo menos dentro do espaço de sala de leitura pólo, já que estes usos têm se alinhado com o que se defende pela mídia-educação na maioria das vezes, ainda temos um longo caminho a percorrer. Se nas salas de aula esses usos quase não ocorrem, também nas salas de leitura, eles são feitos em projetos, o que demonstra que a escola, enquanto instituição, ainda não incorporou totalmente a idéia da mídia-educação enquanto processo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410326/CA